

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

RESUMO EXPANDIDO

DO DESENVOLVIMENTO À REEXISTÊNCIA: TERRITÓRIO, SUSTENTABILIDADE E O BEM VIVER NAS EPISTEMOLOGIAS DE POVOS INDÍGENAS E DE TERREIRO

Ana Fávia Costa Eccard¹

Jordana Aparecida Teza²

Sther de Britto de Oliveira Batista³

RESUMO:

Este trabalho apresenta uma análise crítica da noção hegemônica de desenvolvimento consolidada na modernidade ocidental, profundamente conectada à colonialidade do saber, do poder e do ser. A pesquisa argumenta que o modelo desenvolvimentista, fundamentado em uma racionalidade dualista, técnico-produtiva e acumuladora, promoveu a expropriação de territórios, a exploração da natureza e a invisibilização de múltiplas ontologias de povos indígenas, quilombolas e comunidades de terreiro. O objeto central de estudo é a confrontação entre a noção hegemônica de desenvolvimento e as epistemologias dos povos indígenas e de terreiro, com foco no conceito de Bem Viver como alternativa concreta. A metodologia utilizada é qualitativa, baseada em levantamento bibliográfico apoiado em autores da ecologia política, do pensamento decolonial e de saberes indígenas e afro-brasileiros, destacando-se Antonio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, Alberto Acosta, Eduardo Gudynas e Enrique Leff. A abordagem metodológica, inspirada na genealogia de Michel Foucault, busca interrogar a origem e os efeitos da noção de desenvolvimento, revelando suas camadas

¹ Pós-Doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: anaeccard@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1513280288923024>;

² Doutoranda em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas (PPGDT/UFRRJ), Mestre em Direito (PPGD/UVA). E-mail: jordana.teza@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0763122733766670>;

³ Bacharel em Direito (UNISUAM), E-mail: stherdebrittoadv@gmail.com, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0880143325975894>

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

as de poder, exclusão e violência simbólica. Os resultados apontam que a ideia de desenvolvimento ocidental está intrinsecamente ligada à colonialidade, resultando na separação entre natureza e cultura, legitimando a exploração da Terra como mero recurso. As epistemologias de povos indígenas e de terreiro oferecem um caminho alternativo, compreendendo o território como ser vivo e sagrado. O Bem Viver surge como horizonte contra-hegemônico que valoriza o cuidado, a reciprocidade, a ancestralidade e a espiritualidade, rompendo com a racionalidade instrumental. Conclui-se que esses povos, através de suas práticas de reexistência, já constroem outros mundos possíveis, onde a Terra é vista como parente e não como recurso, demonstrando a existência de formas alternativas de viver, produzir e planejar o mundo.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Bem Viver; Epistemologias Indígenas; Decolonialidade; Reexistência.

DESTAQUES

- A noção hegemônica de desenvolvimento está intrinsecamente vinculada à colonialidade, promovendo expropriação territorial, exploração da natureza e invisibilização de ontologias plurais.
- O Bem Viver emerge como alternativa civilizatória baseada em epistemologias indígenas e de terreiro, que compreendem o território como espaço sagrado e relacional.
- As práticas de reexistência dos povos indígenas e de terreiro constroem mundos possíveis fundamentados no cuidado, reciprocidade e espiritualidade territorializada.
- A sustentabilidade exige mudança civilizatória que valorize a coletividade e a reintegração entre corpo, terra e espírito, superando a racionalidade instrumental desenvolvimentista.

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho se propõe a fazer uma análise crítica da noção hegemônica de desenvolvimento, que se consolidou na modernidade ocidental e está profundamente conectada à colonialidade do saber, do poder e do ser. A pesquisa argumenta que o modelo desenvolvimentista, fundamentado em uma racionalidade dualista, técnico-produtiva e acumuladora, promoveu a expropriação de territórios, a exploração da natureza e a invisibilização de múltiplas ontologias de povos como indígenas, quilombolas e comunidades de terreiro. Diante da crise civilizatória e da falência desse paradigma, o artigo propõe o Bem Viver como uma alternativa civilizatória e um horizonte de sustentabilidade enraizada. Ele se baseia nas epistemologias de povos indígenas e de terreiro, que compreendem o território como um espaço sagrado e relacional, buscando a reintegração entre corpo, terra e espírito.

O objeto central de estudo é a confrontação entre a noção hegemônica de desenvolvimento e as epistemologias dos povos indígenas e de terreiro, com foco no conceito de Bem Viver como uma alternativa concreta. O artigo examina como o modelo desenvolvimentista ocidental, atrelado à expansão do capitalismo e à dominação colonial, opera como um regime de verdade que legitima a exploração e a destruição ambiental, levando a uma crise civilizatória e à homogeneização cultural.

Em oposição a essa lógica, o trabalho explora as racionalidades contracoloniais dos povos de terreiro e indígenas, que concebem o território não como mercadoria, mas como um espaço de vida e comunhão, permeado por saberes ancestrais, espiritualidade e interdependência. O objetivo é analisar como essas epistemologias podem inspirar caminhos sustentáveis,

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

plurais e anticoloniais, valorizando práticas de reexistência que recriam o mundo a partir de sentidos relacionais e espirituais da vida.

A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa baseada em um levantamento bibliográfico. O estudo se apoia em autores da ecologia política, do pensamento decolonial e de saberes indígenas e afro-brasileiros. Entre os teóricos consultados, destacam-se Antonio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, Alberto Acosta, Eduardo Gudynas e Enrique Leff. A abordagem metodológica, inspirada na genealogia de Michel Foucault, busca interrogar a origem e os efeitos da noção de desenvolvimento, revelando suas camadas de poder, exclusão e violência simbólica. O trabalho também incorpora conceitos-chave como colonialidade do poder, do saber e do ser, racismo ambiental e reexistência, articulando-os para demonstrar a crítica ao desenvolvimentismo e a defesa do Bem Viver como uma alternativa.

O trabalho aponta que a ideia de desenvolvimento ocidental está intrinsecamente ligada à colonialidade, resultando na separação entre natureza e cultura, humano e não humano. Essa visão legitima a exploração da Terra como um mero recurso, reduzindo o "Oikos" (a casa comum) a uma mercadoria. A pesquisa conclui que a sustentabilidade não pode ser alcançada dentro dessa lógica desenvolvimentista, pois exige uma mudança civilizatória que valorize a coletividade, o comum e a reintegração entre corpo, terra e espírito.

As epistemologias de povos indígenas e de terceiro, em contraste, oferecem um caminho alternativo. Elas compreendem o território como um ser vivo e sagrado, no qual se inscrevem saberes, rituais e resistências. O Bem Viver surge como um horizonte contra-hegemônico que valoriza o cuidado, a reciprocidade, a ancestralidade e a espiritualidade, rompendo co

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

m a racionalidade instrumental. A pesquisa demonstra que esses povos, por meio de suas práticas de reexistência, já constroem outros mundos possíveis, onde a Terra é vista como "parente" e não como recurso.

A análise empreendida ao longo do trabalho permitiu compreender que o conceito hegemônico de desenvolvimento tem operado historicamente como um instrumento de colonialidade e destruição. Através da genealogia crítica e do aprofundamento das práticas dos povos indígenas e de terreiro tornou-se evidente a existência de outras formas de viver, produzir e planejar o mundo, já presentes nos territórios de vida e resistência. O Bem Viver, enquanto horizonte ético, político e existencial, emerge como uma alternativa não apenas teórica, mas encarnada nas práticas ancestrais de cuidado, comunhão com a Terra e reciprocidade. Os povos de terreiro e indígenas não apenas resistem, mas ensinam a reexistir, reconfigurando a vida com base em uma metafísica da unidade e em uma espiritualidade territorializada.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar** outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2015.

14° Seminário Interdisciplinar em Sociologia & Direito

O fim e o começo do mundo no primeiro
quarto de século: crise climática, democracia
e futuros possíveis

Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia e Direito

uff
Universidade
Federal
Fluminense

FANON, Frantz. Os condenados da **terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. FOUCAULT, M. (1987). Vigiar e **punir** Petrópolis: Vozes.

GUDYNAS, Eduardo. **Buen Vivir**: hoje e sempre. Breves reflexões sobre **uma alternativa** ao desenvolvimento. In: Revista Desenvolvimento e Cidadania, Brasília, ano 2, n. 5, p. 15-20, 2011.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.